

Educação escolar: uma lanterna no escuro da caverna

Patrícia Batista Santos 

Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, Brasil.

Edney Menezes Nogueira 

Instituto Federal de Sergipe, Lagarto, SE, Brasil

Resumo

O presente artigo tem a pretensão de refletir a respeito de uma leitura pedagógica a partir do Mito da Caverna, descrito no livro VII da obra República de autoria de Platão. Inconformado com a decadência ética e política de sua época, Platão se propõe a apresentar um projeto de reestruturação social, e para tal, ele tem como meio a educação. Assim, encontramos neste referido Mito, de forma simbólica, a atribuição da escola, e nela a do professor educador: a responsabilidade da transformação social. A pedagogia descrita no Mito da Caverna foi aquela utilizada por Sócrates, que não apenas é o personagem principal, mas também personifica a figura do filósofo que se libertou das correntes e pode, assim, em um processo dialético, contemplar a verdadeira essência das coisas, voltando à caverna para libertar a outros, que o matam por não poderem nem desejarem romper suas correntes.

Palavras-chave: Pedagogia; Educação escolar; Platão.

Abstract

School education: a flashlight in the darkness of the cave

The present article intends to reflect on a pedagogical reading from the Allegory of the Cave described on book VII of the work Republic by Plato. Despondent with the ethical and political decay of his time, Plato proposes to exhibit a project of social restructuring, and for it, he has the education as a mean for his purpose. Thus, in this Allegory, we find, in a symbolic way, the attribution of the school, and in it the assignment of the teacher educator, the responsibility for social transformation. The pedagogy described in the Allegory of the Cave was that used by Socrates, who is not only the main character, but also personifies the figure of the philosopher who broke free from the chains and can, therefore, contemplate the true essence of things in a dialectical process, returning to the cave to free others, who kill him for not being able or wish to break their chains.

Keywords: Pedagogy; School education; Plato.

Educación escolar: una linterna en la oscuridad de la cueva

El presente artículo pretende reflexionar sobre una lectura pedagógica del Mito de la Cueva, descrita en el libro VII de la obra República de Platón. Insatisfecho con la decadencia ética y política de su tiempo, Platón propone presentar un proyecto de reestructuración social, y para eso tiene la educación como un medio. Así, en este mito, encontramos, de manera simbólica, la atribución de la escuela, y en ella la del maestro educador: la responsabilidad de la transformación social. La pedagogía descrita en el mito de la cueva fue la utilizada por Sócrates, que no solo es el personaje principal, sino que también personifica la figura del filósofo que se liberó de las cadenas y, por lo tanto, en un proceso dialéctico, puede contemplar la verdadera esencia de las cosas, regresando a la cueva para liberar a otros, que lo matan por no poder o no estar dispuesto a romper sus cadenas

Palabras clave: Pedagogía; Educación escolar; Platón.

Introdução

O mito constituiu a forma de pensar pré-filosófica. A filosofia nasceu justamente como forma de superação da visão ingênua de mundo produto da mitologia. No entanto, não se pode definir o mito como sendo um engano ou uma mentira. O mito é apenas uma forma simbólica de interpretação da realidade; é uma tentativa de compreensão do mundo e seus fenômenos. Mesmo depois do nascimento da filosofia, o mito persistiu como forma simbólica de compreensão do mundo, deixando, no entanto, a pretensão de possuir a verdade dos fatos. O mito coexiste com a razão e, por vezes, por ela é usado como instrumento graças ao seu simbolismo. Aranha e Martins entendem que “O mito não resulta, portanto, de delírios nem se reduz a simples mentira, mas faz parte de nossa vida cotidiana, como uma das formas indispensáveis do existir humano. Mito e razão se complementam mutuamente” (2003, p. 76).

Filósofos e pensadores de diferentes épocas fizeram uso do mito como recurso cognitivo. Platão foi um desses pensadores. No entanto, como afirmam Reale e Antiseri, “o mito de que Platão se serve metodicamente, em essência, é diferente do mito pré-filosófico, que ainda não conhecia o logos” (2005, p. 132). Teixeira (1999) também observa que: “em Platão o mito assume um sentido de alegoria, ou como entendemos hoje, um sentido de metáfora. Por isso, o uso de mitos em Platão não significa um simples recuo ao mitológico, mas um recuo ao reflexivo” (p. 61). O mito utilizado por Platão não se contrapõe ao logos da filosofia, mas fecunda-o com significado simbólico destituído de seu aspecto de mistério. Na filosofia, o mito perde sua dimensão fantástica e passa a assumir lugar coadjuvante para a razão. Ao se utilizar de mitos, a filosofia o faz em seu aspecto pedagógico, com o intuito de estimular o raciocínio lógico.

O mito, por ser narração simbólica, é rico de elementos cujo significado é coletivo, de onde segue que ele só tem sentido dentro de determinada coletividade. Ele fala a um público determinado que compartilha significados comuns e atribui sentido a determinados elementos. Dessa forma, o pensador utiliza propositalmente os mitos para atingir determinado público. Nesse ponto, o mito é elemento constituinte de uma cultura, que a traduz simbolicamente, fazendo-se compreender pelo *logos*.

Dentre os mitos utilizados por Platão, o mais conhecido é o da “Caverna”, que, dada sua riqueza simbólica, pode ser interpretado a partir de chaves de leitura epistemológica, gnosiológica, metafísica, ética e política. Aqui, primariamente, interessa pensá-lo a partir de uma leitura pedagógica. A mensagem pedagógica desse mito faz-se notar especialmente na postura do “liberto” que volta à caverna para libertar os demais. O mito relata a saga do “Filósofo”, político, mas também educador, que volta de sua aventura dialética do mundo contemplativo das ideias para governar (enquanto político) e libertar (enquanto educador) os prisioneiros da caverna.

Platão é, sem dúvida, um daqueles homens que, nas palavras de Leclerc, “não possuem simplesmente um destino: eles próprios se tornam destino para muitos de nós. Aquilo que vivem e aquilo que dizem toca a todos nós” (1993, p. 10). Ele personifica e universaliza o destino de muitos. Gênio reconhecido, não apenas tratou, com intelectual mestria, das questões cruciais de sua época, mas acabou por lançar luzes sobre as questões cruciais de todas as épocas, porquanto seu pensamento continua atual e servindo de referência, para analisar questões profundas existenciais do indivíduo ou sociais.

Segundo Abbagnano (2003, p. 90), “Platão nasceu em Atenas por volta de 428 a.C. de família de antiga nobreza que descendia por parte materna de Solon e por parte paterna de Crodo”. Logo cedo se fez discípulo de Sócrates, o grande mestre de Atenas. Permaneceu ao lado de seu mestre durante seu injusto julgamento e a morte, momentos que irão influenciar seus escritos e, principalmente, a formulação do conceito de justiça que permeará toda a sua concepção de política. De acordo com Abbagnano (2003, p. 90), “ele desde jovem desejava dedicar-se à vida pública”. A seu respeito, Mondin registra que:

Platão é um gênio grandioso, colossal, multiforme, um gigante da literatura, da Filosofia e da política. [...] é o criador de um majestoso sistema metafísico e de um admirável sistema ético, estético e Político. [...] Nenhum outro filósofo influenciou tanto quanto Platão, o destino da filosofia ocidental (2001, p. 43).

Também Hegel, um dos maiores expoentes da filosofia moderna, assim testemunhou a respeito de Platão:

Platão é uma figura de importância histórica mundial e sua filosofia é uma daquelas criações de ressonância universal, que desde seu surgimento teve sucessiva influência sobre todas as demais que a sucedeu, principalmente aquelas a respeito da educação e do desenvolvimento do espírito humano (1964, p. 154).

Segundo Bortolo Valle (2009), Platão foi filósofo por excelência, e toda a sua filosofia tratou-se de uma busca em torno à sociedade ideal. Bortolo Valle (2009) assim observa: “uma incursão sobre a vida de Platão revela sua profunda vinculação com a política. Filho de aristocratas, Platão, desde a sua juventude, esteve próximo aos desafios que norteavam a vida pública de sua cidade” (p. 19). Mas, se podemos o considerar um dos maiores filósofos de todos os tempos, pelo sucesso e influência de sua Filosofia, o mesmo não pode ser dito quanto à sua tentativa de renovação social por meio de uma política justa. Reale e Antiseri registram episódio de decepção de Platão com a atividade política e, conseqüentemente, sua falência como político:

Platão travou seu primeiro contato direto com a vida política em 404/403 a.C., quando a aristocracia assumiu o poder e dois parentes seus, Cármides e Crítias, tiveram importante participação no governo oligárquico. Foi certamente uma experiência amarga e frustrante para ele, em conseqüência dos métodos facciosos e violentos que constatou serem aplicados exatamente por aqueles nos quais depositava confiança (2005, p. 138).

Assim, sem dúvida, podemos afirmar o central interesse de Platão pela vida pública, mas especificadamente, pelo governo da cidade. Por isso, em 388 a.C. fundou a primeira instituição de ensino formal de que se tem notícia na história. Dessa forma, Platão claramente mostrava que, para renovar a política, e, por conseqüente, termos governantes *Justus*, é necessário passar pelo crivo da educação.

A seguir, tentaremos descrever, de forma simples e modesta, a analogia entre o “Mito da Caverna” e a missão pedagógica da escola e, por conseguinte, o papel do professor educador na sociedade. Não há civilização sem o papel central da Educação, essa é a mensagem do livro “A República”, que Platão (2004a) escreveu.

Pedagogia Socrática: Diálogo Maiêutico

O mito da caverna tem Sócrates, que dará voz às ideias de Platão, como personagem principal, e Glauco, o interlocutor de Sócrates.

Sócrates, sem dúvida, foi um grande educador. Sempre rodeado por uma multidão, principalmente de jovens, que se encantavam com sua filosofia. E isso constituirá uma das causas que o levaram à morte: “me acusa Meleto que sou culpado por corromper os jovens” (PLATONE, 1997a, p. 77).

Homem despojado e humilde, não cobrava por seus ensinamentos, que fazia por prazer e dizia aprender ensinando. Não deixou seu pensamento por escrito e o que dele se sabe, veio por testemunhos como o de Platão, que, em *Fedon*, o caracterizou como “um homem, entre todos os homens que conhecemos, o melhor, antes, sem dúvidas o mais sábio e o mais justo” (PLATONE, 1997b, p. 259). Platão sempre apresenta seu mestre como homem virtuoso, cuja vida se confundia com seus ensinamentos. Morreu em nome da liberdade de pensamento, não fugindo da pena injusta que lhe foi imposta.

Fazendo frente aos sofistas, Sócrates, no entanto, faz coro com eles no tocante às questões sobre as quais se debruçará a filosofia: o homem e sua existência, de onde resulta virem à tona temas como política, ética e educação, entre outros. Fez da busca do autoconhecimento a base e o fundamento de toda a sua doutrina.

No mito da caverna, Sócrates não apenas é o personagem principal, mas também personifica a figura do filósofo que se libertou das correntes e pode, assim, em um processo dialético, contemplar a verdadeira essência das coisas, voltando à caverna para libertar a outros, que o matam por não poderem nem desejarem romper suas correntes.

Sócrates - Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco - Por certo que sim.

Sócrates - E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo? (PLATÃO, 2004a, pp. 227-8).

Com ironia ímpar, irritava seus opositores (PLATÃO, 2004b, p. 18), mas encantava seus discípulos. Nunca respondia diretamente a uma pergunta, mas a partir de um diálogo conduzia dialeticamente seu interlocutor à resposta. Isso constituía sua

maiêutica¹, ou seja, seu método pedagógico. De fato, Sócrates estava convencido de que a filosofia como busca da verdade é diálogo, nunca monólogo, uma vez que ninguém singularmente possui a verdade.

A ironia é um método crítico e possui o escopo de produzir na alma do interlocutor uma crise, um momento de dúvida e angústia, que coloca sob suspeita a pretensão do saber. Nisso consiste o primeiro passo para o diálogo. Sócrates parte do princípio de que “nada sabe” e se coloca na posição de ouvinte daquele que se considera conhecedor das coisas. Após uma série de questionamentos, Sócrates conduz o “sábio” a reconhecer a própria ignorância. Esse é o momento privilegiado no processo do conhecimento, pois, após o reconhecimento do não saber, o indivíduo está aberto a aprender de fato. Com essa técnica pedagógica, o grande mestre de Atenas conduzia paulatinamente seu ouvinte ao conhecimento. Não se trata de oferecer respostas prontas nem verdades absolutas, mas, sim, de conduzir o interlocutor pelo caminho da dialética até chegar a conhecimento seguro.

É bem verdade que, com seu método irônico, Sócrates provocava ira em muitos dos seus adversários intelectuais. A esse respeito, Reale e Antiseri (2005, p. 98) registram: “É evidente que a discussão provocava irritação ou reações ainda piores nos sabichões e nos medíocres”, ao passo que nos discípulos e naqueles que o escutavam voluntariamente “a refutação provocava o efeito de purificação das falsas certezas, ou seja, o efeito de purificação da ignorância”.

Com o princípio filosófico de que “só sei que nada sei”, Sócrates ensinava a seus alunos que o conhecimento é contínuo e nunca chegará o momento na vida do aprendiz ou do mestre em que ele possa afirmar que já sabe tudo, pois sempre haverá algo novo a ser aprendido, o que requer humildade intelectual. Quanto mais uma pessoa conhece, mais humilde ela deve ser, uma vez que a arrogância impede tanto o ensino quanto o aprendizado. Quem assume a própria ignorância dá o primeiro passo para se libertar desse fardo.

Ter a consciência de que o conhecimento é contínuo é se colocar no lugar de “eterno aprendiz”. É reconhecer que, por mais que se saiba de alguma coisa, nunca se sabe tudo sobre ela. Tem sempre algo a aprender. Quem, por ignorância, pensar que já sabe tudo ou já sabe o suficiente, não está apto a aprender mais nada. A dinâmica do

¹ “Dar à luz”, “fazer parto”, “parir” o conhecimento. Método ou técnica que pressupõe a verdade estar latente em todo ser humano, podendo-se fazê-la aflorar aos poucos, na medida em que se responder a uma série de perguntas simples, quase ingênuas, porém perspicazes, que levem o interlocutor a refletir.

saber requer uma postura receptiva, madura o suficiente para entender que existem formas diferentes de pensar o mesmo objeto, e que a verdade não é possuída por nenhum mortal. Por mais verdadeiro que possa ser um conhecimento, ele não comporta em si a verdade absoluta. Abrir-se a novas ideias e ter a capacidade de dialogar é o princípio da sabedoria.

Com o princípio pedagógico “conhece-te e te mesmo”, Sócrates colocava como ponto de partida do conhecimento o autoconhecimento. Antes de conhecer coisas, o sujeito deve conhecer a si mesmo. Segundo Irwin (2005, p. 46), “o autoconhecimento é a chave sem a qual não podemos destrancar nenhum outro conhecimento que valha a pena ter”. O próprio Sócrates relata este processo de autoconhecimento em seu discurso diante do tribunal que lhe acusava de ateísmo, descrito por Platão em sua obra “Apologia de Sócrates” (2004b). Antes de tudo ele afirma se tratar de uma “sabedoria humana”: “Ó atenienses, é verdade que adquiri renome por possuir uma certa sabedoria. E que tipo de sabedoria é essa? Possivelmente, uma sabedoria estritamente humana” (PLATÃO, 2004b, p. 70). Durante esse mesmo discurso, ele relembra à turbe escarnecedora como ele tomou conhecimento de ser o mais sábio dentre os homens. Em companhia de Querfonte, no templo de Delfos, a pitonisa foi assim interrogada: “se existia alguém mais sábio que eu. A pitonisa respondeu que não existia ninguém” (p. 71). Perturbado com este vaticínio, ele começa sua jornada em busca de suas respostas: “Após ter ouvido a resposta do oráculo, refleti da seguinte maneira: que pretende o deus dizer? Qual é o significado oculto do enigma? Tendo em vista que não me considero sábio, que quer dizer o deus ao afirmar que sou o mais sábio dos homens?” (p. 71).

E após procurar entre os políticos, poetas e artesões, se existia alguém mais sábio que ele, concluiu que todos possuíam conhecimentos em suas próprias artes, porém, entre eles, uns acreditavam saber mais do que outros, e “este importante defeito deslustrava toda a sua sabedoria” (p. 73). Foi então que ele indagou a si próprio: “Se deveria permanecer tal como era, nem sabedor de minha sabedoria nem ignorante de minha ignorância, ou ser ambas as coisas, como eles, e respondi a mim a ao oráculo que convinha continuar tal qual eu era” (p. 73).

Após uma procura externa, foi em si mesmo que Sócrates encontrou uma resposta a ele convincente: “o verdadeiro saber consiste em saber que não sabe” (p. 73). E assim ele conclui que o deus quis na verdade dizer: “Ó homens, é muito sábio entre vós aquele que, igualmente a Sócrates, tenha admitido que sua sabedoria não tem valor algum” (p. 73).

Assim, a pedagogia socrática conhecida como maiêutica se fundamenta nestes dois princípios: “só sei que nada sei e conhece-te a te mesmo”. Ter consciência da própria ignorância é estar sempre aberto a novos saberes e conhecer a si mesmo é reconhecer as próprias limitações.

Educação escolar: uma lanterna no escuro da caverna

O relato do mito começa com Sócrates apelando para imaginação de Glauco sobre a forma como se processa o conhecimento: “Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância” (PLATÃO, 2004a, p. 225). Daqui decorre que o processo do conhecimento está submetido à natureza. Conhecer é, pois, desenvolver-se de acordo com habilidades naturais, e a educação é o processo de desenvolvimento das habilidades, assim, formando pessoas, e não apenas mão de obra.

Platão, como já foi dito, acreditava que os homens nasciam dotados de habilidades doadas pela própria natureza e que elas deveriam ser desenvolvidas paulatinamente de acordo com a idade e a instrução. À medida que as habilidades fossem desenvolvidas, os indivíduos seriam alocados em uma das três esferas sociais.

Nascidos diferentes, os homens não são iguais em natureza. Em síntese, alguns nasciam para governar, outros para serem governados. A educação, enquanto processo de construção de conhecimento, faria essa triagem. A governar estariam aqueles que a natureza dotou de habilidades intelectuais e que, após passarem por um longo processo educacional, estariam aptos para dirigir a sociedade. A serem governados estariam aqueles dotados de habilidades técnicas, mas incapazes de discernir entre o justo e o injusto, entre o bem e o mal, por não possuírem capacidades cognitivas para a contemplação da Justiça e da Bondade.

“Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz” (PLATÃO, 2004a, p. 225). A caverna é o mundo, ensina Platão: “Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna” (p. 228). O mundo, assim como a caverna, é o lugar de sombras – ignorância, lugar dos sentidos, dos vícios. O mundo é a sociedade governada por homens ignorantes, como aqueles que condenaram Sócrates à morte. Na sociedade, a abertura para a luz é, sem dúvida, a educação: possibilidade de sair das trevas da ignorância e caminhar em direção à luz do conhecimento.

Assim como o mundo é o lugar dos sentidos, da matéria, da imperfeição, a sociedade, como espaço de convivência, também o é. A convivência requer leis, regras, normas, uma moral enfim, e quando elas são criadas por homens que nada veem além das trevas, que são prisioneiros dos sentidos e dos vícios, acabam por formar as condições de perpetuação da ignorância.

Em uma sociedade imersa nas trevas da ignorância, a escola, como lugar de produção do saber, se apresenta como lanterna mágica. A educação liberta à medida que se propõe ser espaço crítico da sociedade e não reprodutora dos “valores” sociais forjados nas trevas da ignorância. A escola é a oportunidade de romperem-se as correntes do preconceito, do modismo, do senso comum, e ascender ao novo mundo iluminado pelo sol do saber.

Os homens da caverna estão lá, acorrentados, desde a infância e não conseguem ver outra coisa além de sua sombra projetada na parede:

Esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas (PLATÃO, 2004a, p. 225).

Estando desde a infância habituados ao mundo de sombras, os indivíduos acreditam que as imagens ilusórias são a realidade e a verdade e costumam acreditar em algo que traga novidades. A escola é o lugar de “novidades”, de ressignificação da sociedade. O papel da escola é árduo, pois não é fácil libertar sujeitos acorrentados desde a infância. Platão cria uma nova “*paideia*”, um novo projeto pedagógico que contempla as crianças. Não um projeto como a *paideia* anterior, que educava as crianças na mitologia, por meio de poemas que não faziam outra coisa, que não afastar as crianças e jovens do mundo real. Platão criticava os poetas que ensinavam fazendo recurso a fábulas:

Quando um poeta falar assim dos deuses [...] não faremos coro com ele e não permitiremos que os mestres se sirvam das suas fábulas para a educação da juventude, se quisermos que nossos guardiões sejam piedosos e semelhantes aos deuses, no maior grau que os homens o possam ser (PLATÃO, 2004b, p. 73).

A escola tem por tarefa retirar os prisioneiros da caverna, romper as correntes, principalmente as internas, aquelas nascidas dos preconceitos, muitas vezes não percebidas. Como afirma Irwin (2005, p. 47): “A única coisa pior que uma prisão para

a sua mente é uma prisão para sua mente que você nem sabe existir; portanto, uma prisão de onde você nem tenta escapar”.

É importante perceber que a escola que estava nascendo no século IV a.C. não correspondia à escola que conhecemos hoje. Era praticamente uma escola que ensinava a arte de falar bem, de persuadir. Naquele contexto histórico já havia sujeitos que buscavam construir processos de avanço das classes subalternas. Eis o desafiador trabalho do educador.

Retorno à caverna: obrigação moral do educador

Dos “prisioneiros da caverna”, um é forçadamente liberto:

Sócrates - Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer as olhos para a luz [...] E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada... (PLATÃO, 2004a, p. 225).

O termo “força”, aplicado na libertação de um dos prisioneiros, expressa a verdadeira noção da tarefa do educador ao enfrentar resistência em sua prática educativa. Não é fácil retirar alguém de seu estado de alienação, uma vez que o alienado, que não reconhece ser alienado, põe resistência às mudanças. Em Platão, a educação é um processo de conversão: “Que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço...”. Converter alguém é retirá-lo de seu estado de comodismo, por isso, como ensina Teixeira (1999 p. 63), “O educador é aquele que provoca o educando forçando a sua desinstalação”.

Desinstalar uma pessoa de seu comodismo é convencê-la ressignificar sua existência e rever suas prioridades. É ao mesmo tempo retirá-la de uma zona de conforto proporcionada pela ignorância. É de fato arrastá-la em uma aventura que somente o conhecer é capaz de proporcionar. Isso exige esforço, disciplina, empenho constante e motivação contínua. Aquele que arrasta alguém, retirando-o de um lugar para levá-lo a outro, deve ter a certeza de que este “outro lugar” seja melhor. O educador deve conhecer a estrada, é sua tarefa conduzir, ainda que sob incompreensões.

Platão não esclarece quem é esse a forçar o primeiro “prisioneiro” à liberdade. No entanto, deixa claro que o liberto se torna à imagem de seu libertador, o primeiro pedagogo, pois é sua tarefa retornar à caverna para libertar os demais. Esse é o filósofo

que, como educador, tem a missão de mostrar o caminho de saída da caverna e, como político, deve guiar os demais, liderando-os. Não é uma opção do filósofo voltar ou não voltar, é uma imposição moral:

Sócrates - Aliás, Glauco nota que não seremos culpados de injustiça para com os filósofos que se formarem entre nós, mas teremos justas razões a apresentar-lhes, forçando-os a encarregar-se da orientação e da guarda dos outros. Diremos a eles: “Nas outras cidades, é natural que aqueles que se tornaram filósofos não participem nos trabalhos da vida pública, visto que si formaram a si mesmos, apesar do governo dessas cidades; ora é justo que aquele que se forma a si mesmo e não deve o sustento a ninguém não queira pagar o preço disso a quem quer que seja. Mas vós fostes formados por nós, tanto no interesse do Estado como no vosso, para serdes o que são: os reis nas colmeias; demos-vos uma educação melhor e mais perfeita que a desses filósofos e tornamos-vos mais capazes de aliar a condução dos negócios ao estudo da filosofia. Por isso, é preciso que desçais, cada um por sua vez, à morada comum e vos acostumeis às trevas que aí reinam; quando vos tiverdes familiarizados com elas, vereis mil vezes melhor que os habitantes desse lugar e conhecereis a natureza de cada imagem e de que objeto ela é a imagem, porque tereis contemplado verdadeiramente o belo, o justo e o bem. Assim, o governo desta cidade, que é a vossa e a nossa, será uma realidade, e não apenas um sonho, como o das cidades atuais, onde os chefes se batem por sombras e disputam a autoridade, que consideram um grande bem (PLATÃO, 2004a, p. 231).

O retorno à caverna se dá por um ato de obrigação moral e de solidariedade. A contemplação da verdade, por si, requer uma atitude de compartilhamento. O saber deve ser compartilhado a fim de cumprir sua finalidade, a saber, libertar o indivíduo das correntes da ignorância. A solidariedade do filósofo educador se traduz em sua dimensão ética e política.

O processo de libertação (educação), no entanto, não é a atitude de alguém que leva a verdade a outros, mas se dá, pelo contrário, por alguém que motiva outros a caminhar em direção à verdade. Essa prática pressupõe um esforço por parte do aprendiz; uma atitude de reconhecimento da própria ignorância (só sei que nada sei) e uma abertura para novos conhecimentos.

Se é possível caracterizar o processo de saída da caverna em direção à luz como dialética ascendente (em seu aspecto epistemológico e gnosiológico) em sua dimensão metafísica, de igual forma se pode caracterizar o retorno ao mundo das sombras como dialética descendente em seu aspecto ético-político e pedagógico. Danilo Marcondes (2010, p. 67) observa que: “[...] Platão descreve a chamada dialética descendente, à volta à caverna, contrapondo da parte inicial, a dialética ascendente, em que o prisioneiro sai da caverna para a região superior”. Sobre a razão de o prisioneiro libertado dever voltar à caverna. Marcondes pondera:

Platão caracteriza com isso a missão político-pedagógica do filósofo, que, não contentando-se em atingir o saber, deve procurar mostrar a seus antigos companheiros na caverna a existência da realidade superior, bem como motivá-los a percorrer o caminho até ela, mesmo que corra o risco de ser incompreendido e até assassinado, uma clara alusão ao julgamento e morte de Sócrates (2010, p. 67).

Ele volta porque é sua missão. Segundo Teixeira (1999, p. 63): “A tarefa do filósofo educador é mostrar o caminho aos acomodados da caverna, para que estes superem seu estado de ignorância”. No entanto, como observou Marcondes (2010), esse retorno comporta risco, o mesmo risco por que passou Sócrates, injustamente condenado à morte. Sócrates aqui personifica o protótipo do educador que não se deixa intimidar pelos riscos de sua missão. É arriscado tentar tirar alguém de seu comodismo, de instigá-lo, cutucá-lo, provocá-lo a sair de seu estado de inércia confortável para o incômodo da busca, mas essa é a tarefa do educador. Quem retorna à caverna não cumpre apenas sua missão de educador, mas também de político.

Mas vós fostes formados por nós, tanto no interesse do Estado como no vosso, para serdes o que são: os reis nas colmeias; demo-vos uma educação melhor e mais perfeita que a desses filósofos e tornamo-vos mais capazes de aliar a condução dos negócios ao estudo da filosofia (PLATÃO, 2004a, p. 231).

Aquele que retornou do mundo externo tem a missão de guiar os demais no processo do conhecimento, e na construção de uma cidade justa e solidária. Assim, o governo desta cidade, que é a vossa e a nossa, será uma realidade. O rei filósofo é o único capaz de governar a cidade, pois, tereis contemplado verdadeiramente o belo, o justo e o bem. Por ter contemplado a ideia de beleza, justiça e bondade, o filósofo é capaz de governar a partir de leis justas e boas para todos.

Considerações finais

A República, obra escrita por Platão (2004a), certamente é um dos maiores clássicos da história da literatura mundial. Nela, ele narra por meio de um diálogo de Sócrates com seus interlocutores o nascimento de uma “*Polis*”. O diálogo, no entanto, começa com Sócrates e seus ouvintes discutindo a respeito do conceito de Justiça. Assim se justifica o porquê, segundo Platão, que ela é a Virtude por excelência. Na *Polis* a Justiça se dá quando cada indivíduo dotado pela natureza de uma determinada habilidade se predispõe a estar a serviço da coletividade e não de seu egoísmo.

Depois, Platão começa a discutir, sempre tomando a voz de seu mestre como locutor, a respeito da Educação. Desta forma fica evidente nesta obra que toda civilização só se faz possível se tiver como meio a Educação. Neste caso, o papel social da escola e, através desta, o papel do professor educador é essencial e está na base da construção social. Nenhuma sociedade se organiza prescindindo de uma educação de qualidade.

No livro VII da República, encontramos o famoso “Mito da Caverna”. Aqui Platão (2004a) expõe suas convicções políticas, éticas e pedagógicas. O que sai da caverna pela primeira vez se torna missionário da verdade, portador da luz do conhecimento. Ele tem por obrigação moral retornar à caverna no intuito de libertar os demais. O processo de libertação se inicia na escola.

O projeto educacional de Platão e a fundação da Academia não são um fim em si, mas um meio para alcançar outro fim desejado: a vida pública. Não era admissível que o governo da cidade estivesse nas mãos de pessoas ignorantes desejosas apenas de tirar vantagem da coisa pública. Uma república sólida e justa demandava que seus cidadãos fossem educados e preparados para ocupar suas funções sociais. As pretensões políticas de Platão não se traduziram em disputas de poder ou busca por cargos públicos, mas se materializaram em preocupação de base, pois ele estava convencido de que somente formando um homem novo seria possível renovar o sistema político. E essa formação competia à educação.

A educação, em Platão, longe de constituir preparação técnica, visa uma preparação para a vida social. Antes de ocupar qualquer lugar na sociedade e de nela exercer qualquer função, era preciso formar o homem nobre, voltado para a justiça e para o bem comum. Nesse caso, a educação é o processo de humanização.

No projeto pedagógico-político de Platão, o filósofo desempenha dois papéis essenciais, a saber: de um lado, ele é o educador por excelência; de outro, ele é o destinado ao governo da cidade. Assim, educação e política são as competências próprias do filósofo. Como educador, ele é formador de consciência crítica, aquele que aponta o caminho de saída do mundo das aparências, das ilusões e da vaidade; como político, ele é o guardião da justiça e do bem comum, abnegado de toda pretensão de poder, riqueza ou fama, totalmente voltado ao bem de seus compatriotas.

Assim sendo, fazendo uma leitura pedagógica do Mito da Caverna, percebemos a importância que Platão atribui ao processo educativo. Formar o ser humano é uma arte que exigirá do artista uma competência peculiar: provocar na pessoa um pro-

cesso de desinstalação ideológica e capacitação crítica. Desta forma podemos perceber que, em Platão, o mito nada tem a ver com ingenuidade, mas, sim, como instrumento simbólico do agir racional.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Storia della filosofia: la filosofia antica, la patristica e la scolastica*. Vol. 1. Torino: UTET, 2003.
- ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando, introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2003.
- HEGEL, G. W. F. *Lezione sulla storia della filosofia*. Vol. 2. Firenze: Mondadori, 1964.
- LECLERC, E. *Rencontre d'immensités: une lecture de Pascal*. Paris: Desclée de Brouwer, 1993.
- IRWIN, W. (Ed.). *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo, SP: Mandras, 2005.
- MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.
- MONDIN, B. *Storia dell'antropologia*. Vol. 1. Bologna: ESD, 2001.
- PLATÃO. *A república*. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2004a.
- _____. *Apologia de Sócrates*. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2004b.
- PLATONE. *Apologia di Socrate in tutte le opere*. Vol. 1. Milano: Newton, 1997a.
- _____. *Fedone in tutte le opere*. Vol. 1. Roma: Newton, 1997b.
- REALE, G.; DARIO, A. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. Vol. 1. 9. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2005.
- TEIXEIRA, E. F. B. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo, SP: Paulus, 1999.
- VALLE, B. Platão: a caverna como referência ética. In: SGANZERLA, A.; FALABRETTI, E. S.; BOCCA, F. V. (Orgs.). *Ética em movimento: contribuições dos grandes mestres da filosofia*. São Paulo, SP: Paulu, 2009. p. 17-28.

Submissão em: 25/02/2020

Aceito em: 07/08/2020

Sobre os autores

Patrícia Batista Santos

Doutoranda e em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduada em Docência e tutoria em Educação a Distância pela Universidade Tiradentes, em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França, e em Gestão da Informação pela Universidade Federal de Sergipe. Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: prof.patriciabs@gmail.com

Edney Menezes Nogueira

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Licenciado em filosofia pela Faculdade São Tomás de Aquino e Professor de Filosofia do Instituto Federal de Sergipe.

E-mail: prof.edney1@gmail.com